

Público Caderno P2 22-01-2009	Periodicidade:	Diário	Temática:	Cultura
	Classe:	Informação Geral	Dimensão:	1119 cm²
	Âmbito:	Nacional	Imagem:	S/Cor
	Tiragem:	75000	Página (s):	1/4/5

P2 • Quinta-feira 22 Janeiro 2009 • P2@publico.pt



Limpar os genes
de todas as
doenças é ficção
científica
Pág. 6/7

Todos os livros
são bons,
até os maus
Pág. 4/5

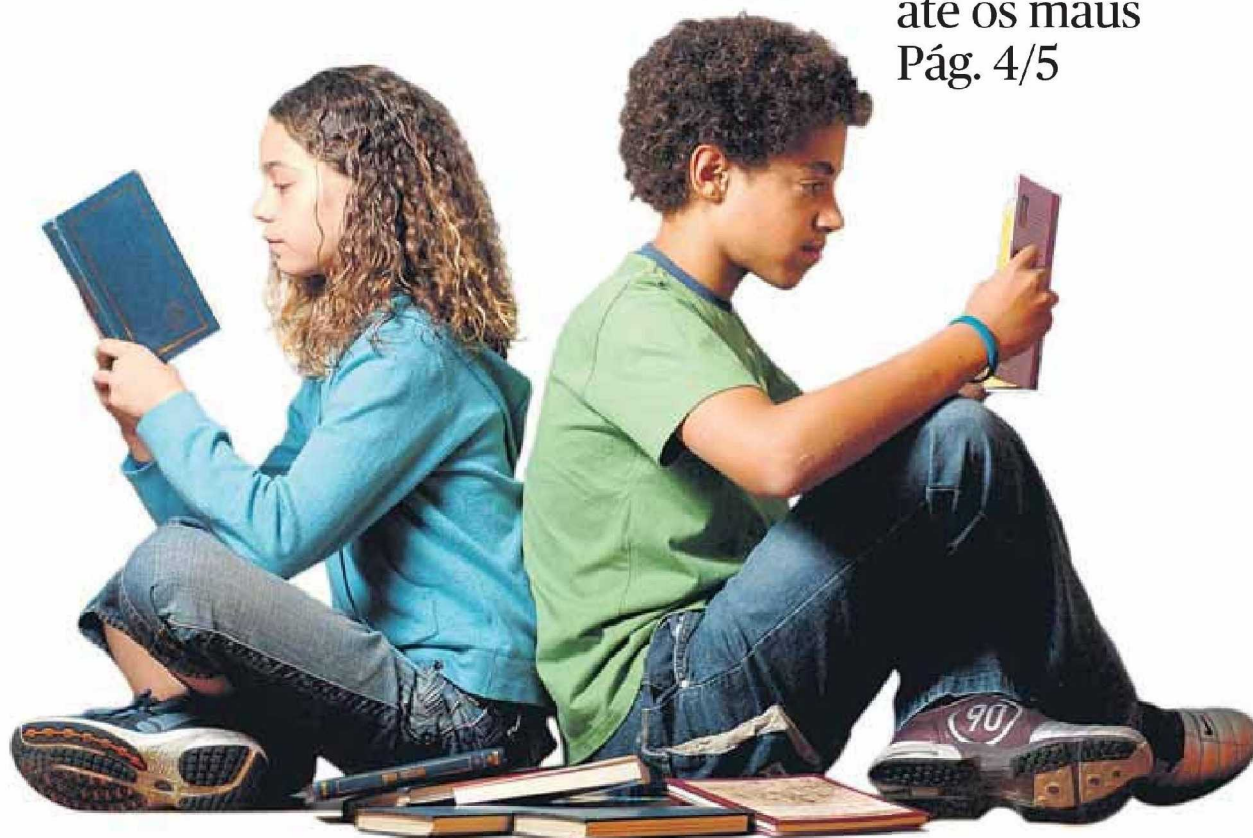


FOTO: JACQUES VIELLE/OUTRABOY

Público Caderno P2 22-01-2009	Periodicidade:	Diário	Temática:	Cultura
	Classe:	Informação Geral	Dimensão:	1119 cm²
	Âmbito:	Nacional	Imagem:	S/Cor
	Tiragem:	75000	Página (s):	1/4/5

Passamos a vida a dizer que os miúdos devem ler. Criam-se planos nacionais de leitura e renovam-se estratégias de conquista para os livros. Até se fazem congressos internacionais para pensar nisso, como o de promoção da leitura que hoje começa em Lisboa. Porque ler é preciso, dizem os especialistas. Para quê?

Rita Pimenta

● Ler o quê? Tudo. Anúncios, legendas, jornais e até receitas de culinária, mas principalmente literatura. E para quê? Para ampliar as capacidades do cérebro, aprender a pensar, a ver com o olhar dos outros e a recriar emoções ou sentimentos. A leitura torna o mundo mais inteligível e as pessoas mais inteligentes. Além disso, está vinculada directamente à educação e à cultura e também ao desenvolvimento social e económico sustentado de qualquer país. Quem o diz são os especialistas em promoção da leitura que hoje e amanhã se reúnem em congresso internacional na Gulbenkian, em Lisboa. O tema é *Formar Leitores para Ler o Mundo* e o objectivo também.

As perguntas devem ser feitas pela ordem inversa - Ler o quê? Ler para quê? -, comece por dizer Peter Hunt, professor da Universidade de Cardiff (Reino Unido), especialista em Literatura para a Infância e o primeiro orador no congresso. "Ler para quê? Ler o quê?", é então a forma a partir da qual organiza as respostas que envia ao P2 por e-mail. Porque primeiro, argumenta, é preciso definir que tipo de leitores se quer formar.

"Se quisermos formar 'leitores funcionais', pessoas que conseguem ler o suficiente para ter uma vida normal, como saberem ler anúncios ou um aviso para que não caiam num buraco mais adiante, então pouco importa o que lêem. Para isso, servem os jogos de computador, os jornais, as bandas desenhadas ou a televisão. Se quisermos formar leitores que consigam compreender

uma linguagem complexa, para que a sua vida seja também mais

complexa e interessante, então, provavelmente, estes leitores precisarão de ler ficção, romances - livros", explica o autor de *Children's Literature: Critical Concepts in Literary and Cultural Studies*.

A escolha de Peter Hunt para a abertura dos trabalhos foi justificada por Antônio Prole, coordenador da Casa da Leitura, organizadora do congresso, pela comunicação abrangente que irá apresentar. "Irá reflectir sobre o que se passou nos últimos 30 anos na literatura infantil. O que é que mudou? Qual é a diferença entre os livros de hoje e os de então? Será que perderam qualidade? As componentes gráficas e ilustrativas são diferentes? O álbum será uma influência dos meios visuais que está a contaminar a escrita para as crianças? No fundo, pôr o livro em questão."

Um estudo do Reino Unido relativo a 2008, que será apresentado por Hunt, conclui que, "nos últimos 30 anos, ocorreu uma mudança radical na natureza

dos textos escritos para crianças (e no conceito de infância implícito), especialmente em termos de estilo, ritmo e complexidade de referências e estruturas intertextuais e intratextuais".

Ampliar o cérebro

Da Universidade Autónoma de Barcelona chegam ao P2 as respostas de Teresa Colomer, doutorada em Ciências da Educação. "A leitura é uma

operação que amplia as capacidades do nosso cérebro. Permite-nos recriar experiências perceptivas, diferentes perspectivas intelectuais e emotivas e dar sentido às situações. Permite-nos dominar as possibilidades da linguagem e essa é a matéria-prima do nosso pensamento. O mundo torna-se mais inteligível (e por conseguinte torna-nos mais inteligentes). É uma forma de desfrutar melhor o nosso tempo de vida."

Nunca antecipar as fases de desenvolvimento da criança é uma das regras a seguir quando se orientam as suas leituras: "Devem ler as obras que conseguem compreender em função do seu nível de desenvolvimento e de domínio das convenções literárias. Os miúdos não dominam os saltos temporais e perder-se-iam em obras que se constroem alterando a linha cronológica." Acredita que os contos tradicionais são a melhor base literária, mas que a leitura de livros medíocres também traz vantagens, como a de "consolidar a capacidade leitora sem exigir muito esforço", diz a autora de *Siete Llaves para Valorar las Historias Infantiles*.

77 milhões de não leitores

Para Galeno Amorim, escritor e jornalista brasileiro, "é fundamental ler, não importa o suporte. Ler (ou ouvir ou tactear!) livros, revistas, jornais, histórias aos quadradinhos, tudo. Mas, sobretudo, ler literatura, nos seus mais diferentes géneros". Foi o primeiro coordenador do Plano

Nacional do Livro e da Leitura no Brasil e fala na existência, em

paralelo, de "95 milhões de leitores de livros e de 77 milhões de não leitores".

Virtudes da leitura: "Ler para ampliar o próprio universo, para se apropriar do conhecimento universal. Para desenvolver a inteligência, mas, principalmente, para olhar com o olhar do outro e, assim, se tornar mais tolerante, mais humano. Nos países pobres ou em desenvolvimento, ler é fundamental como meio de promover a cidadania."

Antônio Prole, assessor da Direcção-Geral do Livro e das Bibliotecas, diferencia-se dos teóricos cujo objectivo essencial é formar leitores literários. "Eu, como português, quero formar leitores competentes. Sabendo que, quando tiver uma grande massa de leitores competentes, terei (não na proporção directa) uma maior capacidade de ter leitores literários."

A redescoberta do prazer da leitura foi uma das respostas enviadas por Sandra Beckett, professora da Universidade de Brock, Canadá, que estuda a ficção de cruzamento, em que adultos e crianças partilham o mesmo tipo de leituras, caso dos livros do Harry Potter. "A ficção de cruzamento ganhou visibilidade nos *media*. Mais adultos estão neste momento a ler literatura para a infância, porque alguns dos melhores escritores são desta área. Redescobrem assim o prazer de uma boa história, como nos casos das imaginadas por J.K. Rowling, Philip Pullman e outros."

Outros especialistas vão passar pela Gulbenkian nestes dois dias, um congresso que fecha o primeiro

"Eu, como português, quero formar leitores competentes. Sabendo que, quando tiver uma grande massa de leitores competentes, terei uma maior capacidade de ter leitores literários"

Público Caderno P2 22-01-2009	Periodicidade:	Diário	Temática:	Cultura
	Classe:	Informação Geral	Dimensão:	1119 cm²
	Âmbito:	Nacional	Imagem:	S/Cor
	Tiragem:	75000	Página (s):	1/4/5



Leiam
tudo o que
puderem

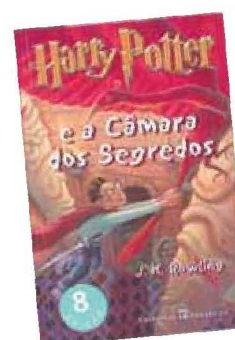
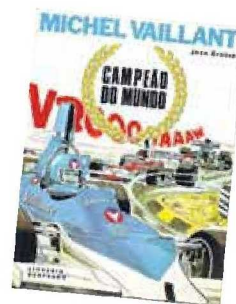
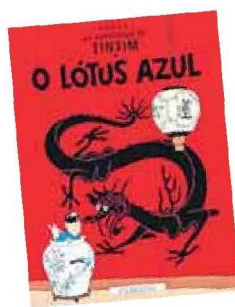
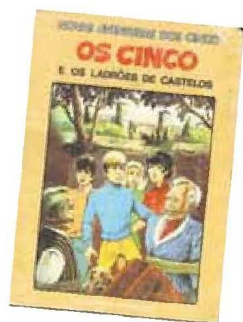
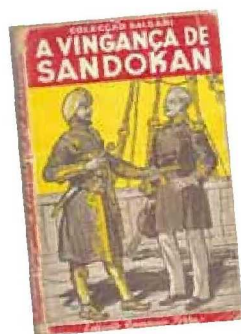
complexa e interessante,
então, provavelmente, estas

Nunca antecipar as fases
de desenvolvimento da criança é

Público Caderno P2 22-01-2009	Periodicidade:	Diário	Temática:	Cultura
	Classe:	Informação Geral	Dimensão:	1119 cm²
	Âmbito:	Nacional	Imagem:	S/Cor
	Tiragem:	75000	Página (s):	1/4/5

P2 • Quinta-feira 22 Janeiro 2009 • 5

Os meus livros em criança



Júlio Machado Vaz

59 anos
Psiquiatra

Quando penso nos meus livros de infância, o primeiro lugar tem inquilino perpétuo – os livros dos *Cinco*, de Enid Blyton. O dono da Livraria Latina (Porto) telefonava a avisar da chegada de mais um, e meu pai trazia-o à hora de jantar. Porque a “ressaca” entre cada um deles era longa, obrigava-me a um exercício de autodisciplina férrea, lendo apenas dez páginas de cada vez. Um verdadeiro suplício para quem vibrava com as aventuras da miudagem e do fiel cão e também com descrições de *scones* e sanduíches irresistíveis! Mas recordo outras leituras: os fascículos do *Cavaleiro Andante*, *Sandokan*, o *Tigre da Malásia* (Emílio Salgari), a lendária *Condessa de Ségur* (Sophie Rostopchine)... E as principais notícias dos jornais, para ver um sorriso de aprovação no brilhante e implacável conversador que era meu pai.



Eduarda Abbondanza

50 anos
Directora da Moda Lisboa

O meu pai tinha uma indústria gráfica e por isso havia muitos livros lá em casa (em Campo de Ourique, Lisboa). Além da imágética das aventuras de Enid Blyton (*Os Cinco*, *Os Sete* e as *Gêmeas*), tinha um imaginário de fadas muito presente. Chegava a fazer buraquinhos no jardim para encontrar tesouros. Lembrou-me de ter lido *Tom Sawyer* e o *Príncipezinho*, mas também Albert Camus e Luiz Pacheco. Li bastante cedo Henry Miller. Os livros que estavam nas prateleiras de cima eram os que eu não devia ler, os mais interditos, mas eu empoleirava-me e chegava lá. A minha infância foi rodeada de rapazes, muitos primos. A minha mãe pensava que eu nunca iria ter uns joelhos normais. As crostas sobrepunham-se e nunca chegavam a sarar totalmente. Mais tarde, quando todos os meus colegas se aborreciam com os *Lustadas*, eu maravilhava-me. Herdei da minha irmã, 11 anos mais velha que eu, um livro anotado. Eu adorava aquilo. Como os nossos pais trabalhavam, as brincadeiras ou se passavam na rua ou em casa a descobrir os segredos deles. Isso conseguia-se na biblioteca e na garrafeira.



Miguel Guilherme

50 anos
Actor

Quando decidi que queria começar a ler livros sem bonecos, peguei nos *Cinco* (Enid Blyton). Mas como aprendi a ler tarde, por volta dos oito anos, chegava ao fim de uma página muito cansado e já esquecido do que acontecera no início. Mas não desisti. Também lia Walt Disney, as histórias do Pato Donald, do Tio Patinhas. Antes mesmo de conseguir ler, “via os bonecos” nos livros do Tintim. Ainda hoje volto muito ao Tintim. De vez em quando, leio a colecção de uma ponta à outra. Mas foi com Alexandre Dumas (*Os Três Mosqueteiros* e *Vinte Anos Depois*), aos 12 anos, que senti intensamente o prazer da leitura, de uma forma que não mais se repetiu. Só queria isolar-me do mundo e ler, ler. A leitura acabou por me fazer desinteressar da escola, fui por isso um aluno mediano. Só se gostasse muito das cadeiras é que conseguia resultados bons. Mas Dumas permitiu-me fazer grandes brilharetes nas aulas de História: eu sabia quem era o cardeal Richelieu, o Mazarin, conhecia os reinados de Luís XIII e Luís XIV de França. Um sucesso. Por essa altura li também a *Madame Bovary* (Gustave Flaubert), adorava aquele erotismo... Li muito Emílio Salgari (*Sandokan*, *O Corsário Negro*). Pus-me a ler o *Deus das Moscas* (William Golding) e não percebi nada. Aos 13 anos, voltei a lê-lo e adorei. É fascinante como os livros têm diferentes camadas de entendimento. Quando os revisitamos, encontramos sempre algo novo porque já não somos os mesmos.



José Rodrigues dos Santos

44 anos
Jornalista e escritor

Quando era miúdo, em Tete (Moçambique), lia sobretudo Walt Disney, *Tarzan*, *Spirou*, *Gaston Lagaffe*, *Mundo de Aventuras*, *Seleções do Reader's Digest* e romances de cowboys, alguns bem grossos. Fui para Lourenço Marques com nove anos e dediquei-me ao *Astérix*, *Tintin*, *Michel Vaillant*, *Os Sete* e *Os Cinco*. Vim para Portugal com dez anos em 1974 e, numa primeira fase, lia pouco, dava a impressão de que havia menos livros disponíveis em Portugal do que em Moçambique. A partir dos 12 anos, comeci a ler muitos livros de ciência, em particular astronomia e cosmologia, e depois passei para a ficção científica. Consumia um livro da colecção *Argonauta* de dois em dois dias. Vendo as coisas em retrospectiva, o que me atraiu em todos estes livros era sobretudo o lado da aventura, e penso que foi isso que ficou. Suponho que ainda hoje esse lado aventureiro influencia o meu trabalho – enquanto jornalista e enquanto romancista.



João Pedro Lucas

11 anos
Aluno do 6.º ano

Já li os livros todos do Harry Potter, alguns da colecção *Uma Aventura* e outros da *Viagens no Tempo* (Ana Maria Magalhães e Isabel Alcáda). Gostei muito do *Marley*, *Um Cão Especial* (John Grogan). Agora estou a ler o *Eragon* (Christopher Paolini). Leio porque gosto, porque os livros são interessantes e emocionantes. É a minha mãe que os escolhe, mas, se eu gostar do primeiro e for uma série, vou lendo os seguintes. Desde que haja mundos fantásticos e aventura, leio.

Depoimentos recolhidos por Rita Pimenta

